

# Encontros e desencontros na encruzilhada de Tebas: Parentalidades contemporâneas no ciclo vital\*

CLARA NEMAS\*\*

---

*“A emancipação da parentalidade se anuncia como um novo tipo de liberdade, tal como foi a emancipação feminina no século XIX e, por conseguinte, terá vantagens e desvantagens, produzirá conflitos e controvérsias. É um desafio para a psicanálise. Merece profundos estudos sem preconceitos, ao mesmo tempo rigorosos e interdisciplinares, sobre suas consequências psíquicas nas crianças e na estrutura da sociedade.”*  
Mariam Alizade <sup>1</sup>(2016)

Parentalidade contemporânea, emancipação da parentalidade ... são termos que nos colocam em encruzilhadas de encontros e desencontros entre nós mesmos e nos levam repetidamente a compartilhar nossas experiências e reflexões.

Nos vemos questionados pela cultura que nos impacta com fatos e situações que precisamos responder com recursos que, às vezes, nos parecem insuficientes. Na intimidade da análise, nos encontramos com a singularidade que se desprende na relação transferencial, mas as mudanças vertiginosas que percebemos no intrincado tecido entre o social, o tecnológico e o ético vão penetrando em nossos consultórios e vão questionando verdades universais e colocando à prova nossa capacidade de tolerar incertezas.

Notem o que dizia Marie Langer, autora de *Maternidade e Sexo*<sup>2</sup>, um livro revolucionário do início da década de 70: “desde que os dinossauros deram lu-

---

\* Conferência proferida na XXXVIII Jornada Anual do CEAPIA, com o tema “Parentalidade: Encontros e Desencontros”, em outubro de 2017.

\*\* Membro titular com função didática (APdeBA), Analista de crianças e adolescentes (IPA), Coordenadora da área de desenvolvimentos Kleinianos (APdeBA), Membro do Board International Journal of Psychoanalysis.

<sup>1</sup> “Parentalidades y Género: su incidencia en la subjetividad”. Patricia Akolombre y Candida Sé Holovko (compiladoras). Letra Viva Editorial, 2016.

<sup>2</sup> *Maternidad y Sexo Estudio Psicoanalítico y Psicosomático*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1976.

gar às aves e aos mamíferos, o instinto sexual juntou macho e fêmea em um ato destinado à reprodução. Até mesmo o mamífero mais evoluído, o Homo Sapiens, não conseguiu fugir desta lei da natureza... Mas somente neste século, e especialmente em sua segunda metade, é que se produziram mudanças importantíssimas e interligadas que alteram não somente o status psicossociológico do homem e da mulher de nossa civilização, mas também sua biologia”.

Nesta citação que selecionei, a autora se refere às “implicações da separação entre prazer sexual e a reprodução: esta novidade transcendental de consequências imprevisíveis para a evolução da humanidade praticamente aconteceu despercebida”. Esta separação, ela segue, “traz consigo, unido à industrialização, a semente de uma mudança total da relação entre os sexos, da estrutura da família e dos papéis que, durante milhares de anos, o homem e a mulher desempenham e que, parcialmente, ainda estão desempenhando”.

Se o efeito do aparecimento e da difusão dos anticoncepcionais orais foi tão transcendente no século XX, o que poderemos dizer do aparecimento e da difusão de técnicas de reprodução assistida, nas quais não somente se separa a reprodução do prazer sexual, mas também o óvulo do espermatozoide e ainda os embriões produzidos – aparte da relação sexual – podem ficar totalmente separados dos homens e das mulheres que os geraram. Cada vez mais o feto precisa passar menos tempo no útero: chega mais tarde e pode sobreviver fora mesmo com pouco tempo de gestação.

Nos sentimos, então, com necessidade de incluir, mas também de inaugurar novas perguntas nessa tensão entre a produção social-histórica sobre as mudanças na constituição da subjetividade e os fenômenos que constituem o funcionamento psíquico que supomos universal.

A questão está em re/encontrar quais são os núcleos teóricos da psicanálise a partir dos quais se pode compreender e incluir com desenvolvimentos conceituais esses novos desafios. Essa não é só uma exigência teórica e clínica, mas também que nos compromete desde nossa posição ética e política. Dito isto, devo confessar que me encontro em um estado de perplexidade desde o qual só posso compartilhar algumas experiências e reflexões.

O termo parentalidade se instalou em nossa linguagem não faz muito tempo; (em meus tempos) o comum era referir-se à paternidade e à maternidade. Qual mudança que reflete e também introduz o termo parentalidade, tão naturalizado na atualidade?

Interessou-me uma definição precisa que encontrei de Jean Pierre Lebrun, psicanalista belga da Universidade Católica de Lovaina, membro da Associação Lacaniana Internacional, que no ano de 2010 aponta que este termo abstrai a diferença sexual dos pais e diz: “Este adjetivo qualifica do mesmo modo ao pai e à mãe porque cada um, de sua maneira, é, de agora em diante, um autor do projeto parental”<sup>3</sup>. Lembro novamente de Marie Langer quando ela falava de

---

<sup>3</sup> Jean Pierre Lebrun. *Studies Journal of Contemporary Studies*, Vol. 410, 6/2009

mudanças que alteram não somente o status psicossociológico do homem e da mulher de nossa civilização, como também sua biologia.

A razão pela qual incluí no título de nosso encontro a encruzilhada de Tebas contemporânea se deve ao fato de que surgiram recentes questionamentos de diferentes vertentes da psicanálise sobre a noção do Complexo de Édipo. Estes questionamentos se referem tanto ao Complexo de Édipo como o núcleo das neuroses e do desenvolvimento humano, como também ao seu lugar central na teoria psicanalítica.

Se me permitem uma heresia, essa de retratar o mito/tragédia de Édipo desde uma perspectiva um tanto pessoal, diria que o que se manifesta é somente um aspecto do rosto da lenda que conhecemos: o abandono da criança, o filicídio, o parricídio e o incesto expressam para muitos pesquisadores o eterno tema do conflito geracional. Lembro de uma educadora, Graciela Frigerio, que com humor comentava: que teria acontecido se Layo tivesse se afastado e tivesse deixado Édipo passar? Centrando o problema geracional mais fortemente na dificuldade do mais velho dar lugar aos mais jovens.

Outros dirão que ao centrar este conflito na lendária luta entre pai e filho, pretendia-se negar que a mãe pudesse ser o que está em jogo; isso equivaleria a negar a sexualidade infantil em benefício dos únicos interesses do adulto que escaparam da repressão. Encontramos em nossa clínica muitas famílias em que pai e filho abertamente são rivais no problema de patrimônio. Filhos que se negam a esperar o desaparecimento do pai para beneficiarem-se da transferência dos bens familiares. Porém, por trás da racionalização dos conflitos manifestados, ainda atua, escondido e ativo, o conflito infantil que coloca em jogo a posse sexual da mãe.

Deixemos por um momento Tebas para ir a Corinto; Mérope e Pólipo, um casal estéril, adotam amorosamente Édipo como filho. Édipo escuta da boca de um vagabundo a profecia do oráculo que diz que ele matará seu pai. Diante do horror desta revelação, ele aborda os reis, seus pais, que descartam essa revelação. Afinal, eles sabiam que Pólipo não era o pai biológico – mas Édipo, não. Portanto, quando Édipo abandona Corinto, é com o objetivo de salvar seu pai, Pólipo, do assassinato que ele mesmo cometera. E disso está convencido quando chega na encruzilhada: mata o pai filicida para salvar o pai amoroso. Mas se ele vai embora de Corinto, podemos supor que é porque, em seu inconsciente, se considera capaz de cometer o parricídio. E aqui encontramos uma vertente que completa, de certa forma, a configuração edípica, tomando o inevitável elo entre amor e ódio, ao que Bion integrará o conhecimento como o tripé que constitui o vínculo passional. O des/conhecimento e, em maior grau, o ataque ao conhecimento dividem e ocultam o reconhecimento do vínculo de amor e de ódio e a possibilidade de integrar e reparar.

Tratemos de voltar ao mundo contemporâneo para ver se podemos descrever algumas das encruzilhadas nas quais nos des/encontramos entre as gerações.

Nos últimos anos, tenho encontrado em meu consultório um problema que não era usual ou que, pelo menos, não aparecia de maneira tão clara. Eu gostava-

ria de saber se vocês têm a mesma experiência. Mais além da homo e da monoparentalidade, o que se encontrou com surpreendente frequência são separações de casais durante a gravidez ou aos poucos meses de vida do bebê. E isso em casais que planejaram a gravidez, em um casal aparentemente constituído e que nada faria pensar nesse tipo de desfecho no manifesto. Normalmente, nas situações que conheço, é o pai quem propõe a separação, com diversos graus de ataque à função materna da mãe.

Encontrei um comentário interessante de Meltzer em uma supervisão dos anos 90. Nesta, por conta de um material clínico, comentava que a reação dos homens quando têm seu primeiro filho pode ser explosiva. Podem entrar em competição com o bebê, ou se tornarem muito exigentes sexualmente com a mulher, ou muito rígidos com a criança ou procuram outra mulher e têm uma relação extramatrimonial. Devo dizer que na minha clínica observei cada uma dessas possíveis respostas.

Isto me levou a revisar a bibliografia que falasse do pai, não somente relacionado com o patriarcado e a função paterna, mas também com algo que se referisse ao *desejo de filho* do homem na história. Sendo assim, encontrei que na Roma antiga, o pai estava determinado pelo desejo e pela vontade de sê-lo. Era filho aquele que tinha sido reconhecido como tal por seu pai. A origem biológica não era um fator determinante.

Este ato de reconhecimento se expressava em um ritual: o *tollere liberum*, no qual o pai, primeiro que todos, pegava a criança em seus braços e o levantava em presente aos deuses. Este ato o designava como pai e era reconhecido como tal pelo ponto de vista jurídico.

O pai era (na Roma antiga) aquele que dá a vida ou a morte. O fundamento da paternidade está, assim, na vontade de um homem de se constituir como pai e, tecnicamente, pouco importam as razões políticas, religiosas, sociais ou econômicas que o motivam a querer sê-lo. O laço biológico é por si próprio incapaz de fazer o pai: a paternidade biológica não é mais que um fato e não um direito. É, na realidade, a vontade do indivíduo, e somente ela, que o constitui como pai.<sup>4</sup>

Mas até que ponto é suficiente a vontade do indivíduo para consolidá-lo como pai fora do mero laço biológico? Poderíamos falar sobre o que resta do desejo? Deixo abertas estas dúvidas por enquanto.

Voltemos às consultas que recebemos em nossos consultórios. Uma pergunta frequente nas entrevistas com os pais que consultam por uma criança é se este filho foi desejado. A fórmula binária desejado/não desejado resulta em uma *coberta curta* que não cobre a complexidade que esta pergunta tenta responder. Um ser humano pode ser desejado para os mais diversos usos: desde conceder-lhe as possibilidades de um autêntico desenvolvimento até propiciar-lhe a psicose ou a morte. E se não, devemos apenas lembrar de Édipo!

---

<sup>4</sup> São fascinantes as discussões que se seguiram à Revolução Francesa sobre quem é filho de família em relação aos direitos de participação social.

Piera Aulagnier<sup>5</sup> diferencia o desejo de ter um filho do desejo de maternidade. O desejo de ter um filho na mulher se inclui em uma trama que vai desde o desejo de ter um filho da mãe, ter um filho do pai, até chegar a desejar ter um filho do homem que possa dar-lhe. Este desejo de filho deve ser diferenciado do desejo de maternidade, que é o desejo de repetir, de forma espetacular, sua relação com a mãe. Este desejo é catastrófico para a criança. O catastrófico é que para estas mulheres é impossível aceitar o novo.

Patricia Alkolombre<sup>6</sup> estabelece uma interessante diferença entre o desejo de filho e a paixão de filho. A autora enquadra a paixão de filho em uma problemática de cunho narcisista-passional, como nos casais com funcionamento passional: serás minha ou de ninguém. A hipótese da paixão de filho permite fazer uma diferenciação com o desejo de filho. Esta paixão de filho, já descrita por Lorca em *Yerma*, encontra nos avanços tecnológicos uma realização, impensado há tempos atrás, que sustenta a desmentida de uma impossibilidade.

Dentro do marco social, há um forte viés narcisista depositado na ciência e na tecnologia, que se apresenta – mais além do campo da fertilidade – de uma posição, em muitos casos, onipotente, como uma promessa de completude: ter um novo rosto, um novo sexo, um filho de outro ventre, de outro esperma, de outro óvulo, um filho cujo embrião será geneticamente selecionado.

Os novos cenários incluem não somente avanços na medicina reprodutiva e as novas formas de nascer, como também as novas configurações familiares. Podemos falar de uma revolução nas parentalidades, mas penso que o verdadeiramente inédito dentro de nossa cultura é constituído pela homoparentalidade e pela monoparentalidade masculinas. Estes cenários colocam na mesa a problemática do desejo de filho no homem, território que era exclusivo do campo feminino. Trata-se de novas figuras do masculino que incluem a paternidade desde uma dimensão não-feminina. Hoje, um homem pode decidir, independentemente da figura feminina, conseguir uma paternidade através de qualquer ventre e da doação de óvulos. Para complicar, acredito que há homens – homo ou heterossexuais – com fortes aspectos “femininos” e que cuidam bem das crianças não somente quando ficam sem trabalho, mas também quando o casal considera que a renda que vem da mulher pode ser maior que a do homem e organizam a família com modelos menos tradicionais.

Proponho pensar que há umnexo entre estas configurações que permitem uma paternidade desde uma dimensão não feminina que poderia estar no fundo de algumas situações que observei no consultório. Um homem, até então amoroso, diz para sua mulher grávida de 8 meses: “faz 7 meses que nada em ti me atrai ou eu gosto”. Incentiva a compra de um aparelho para a extração do leite com o propósito de poder dar a mamadeira à filha quando a mãe não estiver, ainda quando é consciente de que isso poderia interferir na lactação materna. Há poucas semanas de nascer sua filha, ele decide abandonar a casa em que vivem

<sup>5</sup> ¿Qué Deseo, de qué Hijo? - Psicoanálisis con Niños y Adolescentes n° 3, Buenos Aires.

<sup>6</sup> Deseo de hijo, pasión de hijo. Editorial Letra Viva, Buenos Aires.

depois de propor um acordo não aceito por sua mulher: ter dois ou três dias da semana em que pode sair à noite, sem se preocupar em ajudar sua mulher que ainda necessita, já que está no puerpério.

A questão está em diferenciar quais são os núcleos teóricos da psicanálise a partir dos quais pode-se dar conta e abranger, com desenvolvimentos conceituais, estes novos desafios. Esta não é somente uma exigência teórica e clínica, mas nos compromete com nossa posição ética. Pergunto-me, então, se é possível encontrar um suporte na teoria de Melanie Klein<sup>7</sup> sobre as situações de ansiedade precoce no desenvolvimento das crianças. Ao descrever uma fase feminina comum a meninos e meninas, a autora descreve fantasias de sadismo intenso e de rivalidade com a mãe pela posse de suas riquezas internas, que incluem principalmente o pênis do pai, fezes e bebês. Isto instala um círculo maligno, se o desenvolvimento foi perturbado, um estado de ansiedade paranoica com ameaças de retaliação por parte da mãe, que aumentam os ataques sádicos. Essa fantasia poderia ser aprofundada pela gravidez da mulher e, longe de promover uma identificação com ela desde o aspecto feminino, poderia intensificar os sentimentos de rivalidade e inveja que não puderam ser modificados por tendências reparatórias.

Desde a perspectiva da mulher, encontrei também fortes sentimentos de rivalidade com o homem, relacionados com a inveja ao pênis e uma dor por necessitar dele para a concepção. Mas mais profundamente estes sentimentos são sustentados por ataques ao casal parental criativo, como se o bebê ocupasse um lugar de um irmão, e não de um filho.

Passemos agora a explorar uma segunda pergunta: de quem é esse bebê? A pergunta não aponta ao sentido comum, nem à legislação, e tentamos encontrar uma resposta na realidade psíquica.

Quando Meltzer<sup>8</sup>, em seu livro *Estados Sexuais da Mente*, se pergunta pela realidade psíquica das crianças não nascidas, ele apresenta três perguntas que tentam responder uma pergunta mais ampla: de quem é este bebê na realidade psíquica dessa pessoa?

- a) A gravidez foi apreendida na realidade psíquica?
- b) Foi construído através da identificação introjetiva? É, portanto, sentido como próprio?
- c) Ou foi experimentado delirantemente através da identificação projetiva com a mãe?

Um exemplo para pensar: em um país de primeiro mundo, uma mulher de 33 anos decide que nenhum homem vai intervir/interferir na criação de seus filhos, nem na gestão de sua casa. Esclarecemos que esta jovem mulher não é – pelo menos manifestadamente – homossexual. Ela decide, então, optar por uma clínica de fertilização assistida, descrita como um lugar paradisíaco na qual so-

<sup>7</sup> "Early anxiety situations and their effect on the development of the child" in: *The Psycho-Analysis of Children*. The Hogarth Press and The Institute of Psychoanalysis, 1932.

<sup>8</sup> *Estados Sexuales de la Mente*. Buenos Aires: Spatia Editorial.,2011.

licita ser fertilizada pelo esperma de um doador anônimo, de quem ela somente conhece os traços físicos predominantes e alguns antecedentes. Ela decide separar esperma do mesmo doador, pensando em futuras gestações. É assim que ela tem duas filhas com diferença de 2 anos, supostamente do mesmo doador. A mãe lhes diz que elas não têm pai. As meninas vão para a escola, parecem meninas com desenvolvimento normal e se veem alegres e sociáveis. Desde uma concepção analítica – com a qual estou de acordo – mesmo na ausência do pai, deveria haver um tipo de diálogo interno da mãe com um pai que se encontre em sua mente, mesmo quando não esteja presente no mundo externo. Ainda não temos suficiente contato com o desenvolvimento destas crianças para termos uma ideia que, de qualquer modo, somente seria estatística. É muito improvável que possamos ter dados sobre a realidade interna fora da análise, mas é uma questão que fica em aberto.

Justamente o novo nas parentalidades de hoje em dia refere-se aos efeitos de ruptura que envolvem a implementação das técnicas reprodutivas. O que os avanços científico-tecnológicos permitirem que se realize, vai ser feito. Não parece haver limites. Lemos nos jornais que um menino nasceu do ventre de sua avó, é um “filho-neto”, ou que um menino pode nascer a partir da doação anônima de esperma ou de óvulos de uma pessoa que jamais conhecerá. Então, o inédito, aquilo que marca uma diferença, está do lado da origem, com condições de gestação que marcam fenômenos sem precedentes na história. Isto nos apresenta uma articulação diferente entre os laços de sangue, o parentesco e a filiação como sistema simbólico.

Uma antropóloga francesa, Françoise-Heritier-Auge, foi uma das palestrantes convidadas que falou na Assembleia Nacional quando foi aprovada a legislação do casamento igualitário e da adoção na França, muito recentemente.

Françoise-Heritier<sup>9</sup> afirma que as coisas podem mudar institucionalmente quando se tornam pensáveis na sociedade. Ela mesma pensava, há poucos anos, que o casamento igualitário era algo que se aproximava, já que os chamados PAC (pactos civis de solidariedade e, entre nós, União Civil) era algo que já se pensava na sociedade. Entretanto, apesar de ela supor que era tecnicamente possível que a reprodução assistida desse aos casais do mesmo sexo a possibilidade de ter filhos, ela também se perguntava se isso era emocionalmente pensável. Esta autora propõe tópicos que são a causa deste pensamento: a observação da diferença sexual, que ela entende como a base da lógica, a precedência geracional dos pais sobre os filhos, e a existência de um dom irrefutável na mulher, o poder de conceber um corpo parecido ao dela – feminino – ou diferente – masculino. Acredito que na atualidade podemos vislumbrar um futuro em que estes tópicos perdem suas margens.

Cada momento histórico constrói uma tradição e abre-se para algo novo. As aspirações da modernidade, a passagem ao centro gravitacional na vida familiar ao projeto de realização pessoal, as mudanças na autoridade paterna

---

<sup>9</sup> Masculino/femenino: el pensamiento de la diferencia. Barcelona: Ariel, 2002.

que seguiram a Segunda Guerra Mundial, a democratização da relação entre os sexos, todas estas mudanças, nomeadas de forma aleatória, levaram a mudanças na parentalidade – famílias com dois filhos, troca de papéis no cuidado com o bebê, a ideia de funções maternas e paternas que podem ser cumpridas por um homem e uma mulher. Sem sequer mencionar as diferentes formas que a parentalidade assume em culturas não ocidentais.

Talvez Bion<sup>10</sup>, com seu conceito de mudança catastrófica, poderia nos acompanhar para pensar estas situações: o quanto existe de violência, de invariância, quanta subversão do sistema nestas questões que hoje discutimos.

Mas o campo dos psicanalistas é um campo de observação, de perguntas e de tolerância à incerteza. Estamos incluídos no campo social, mas também habitamos a realidade do mundo interno, com seus efeitos e consequências em todos nossos vínculos.

Acredito que é neste campo em que, como psicanalistas, nos fazemos perguntas que seria melhor manter cautelosamente abertas, mas também pensadas... e seguir observando.

Talvez eu possa compartilhar com vocês uma de minhas perguntas: nesta queda de braço, como o narcisismo se manifesta para superar uma limitação? De que modo opera a castração quando se manifesta em/com os limites? Qual universalidade têm os conceitos psicanalíticos?

Se o mundo é um mundo de perguntas, diz Wagensberg<sup>11</sup>, minha tarefa é buscar as respostas. Se o mundo é um mundo de respostas, minha função é descobrir as perguntas, e cada atitude terá diferentes consequências. Mas prefiro uma posição que considera os problemas que nos são apresentados, como mistérios a tolerar e não como enigmas que temos que resolver.

Muito obrigada.

---

<sup>10</sup> Transformaciones. Buenos Aires: Editorial Promolibro, 2011.

<sup>11</sup> Ideas sobre la complejidad del mundo. Editorial: Tusquets Editores S.A., 1998.